Estante – O Banco de Textos da CBJE

Câmara Brasileira de Jovens Escritores

www.camarabrasileira.com e www.camarabrasileira.com.br

Abril de 2015

Autor: André Luiz de Oliveira Pinheiro

André Luiz de Oliveira Pinheiro é carioca e tem 48 anos de idade. Mora no bairro de Campo Grande, na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Desde criança sempre apresentou sensibilidade artística, demonstrada através do desenho e da pintura. Seu interesse pela poesia começou cedo, através da leitura de livros e poemas dos autores brasileiros consagrados. Passou a fazer poesia recentemente, descobrindo seu talento através de trovas dedicadas a sua filha Amanda, de cinco anos.

Através de seus versos vem despertar em seus leitores a sensibilidade para o belo e a natureza, além das questões relativas ao Ser e ao Destino.

Ainda sem livros próprios publicados, tem apresentado seus vários poemas em encontros artísticos e eventos filantrópicos.

Hoje com quase 100 publicações na Câmara Brasileira de Jovens Escritores (CBJE), detém a Distinção Literária, conferida pela Litteraria Academiae Lima Barreto, como Acadêmico Honorário desta nobre Academia.

Contato: pinheiroandlu@ig.com.br

FACEBOOK: https://www.facebook.com/pinheirooliveiraandlu@hotmail.com

Revisão do autor. Produzido em 29/04/2015

TEXTOS

MENINA AMADA (Minha filha de seis anos) (Novembro/2012)

Onde está essa menina?
De cabelos cor de ébano
E olhos cor de jabuticaba!
Cadê ela, não fica parada!

Anda, corre, pula e salta
Êta, menina levada!
Enrolando o cabelo
Não fica sossegada!

Às vezes "Amandinha"
Às vezes Amanda
Outras "Amandona"
Mas, seus pais preferem mesmo
Amanda a muito amada!

SEMÁFORO (Janeiro/2013)

Num semáforo urbano, um olhar infantil e profundo...
Carros andam e param... Através dos vidros fumês não reparam,
Aquele olhar aguardando do mundo...
Semáforo vermelho, faça-os parar
E olhar antes do plano de fundo!
Semáforo amarelo... Correm para ultrapassar... Vermelho...
Param... De costas ao semáforo, a criança se posta à frente...
Ergue o olhar, quatro esferas... Um coração. Começa equilibrar.
Sua vida em suas mãos, naquele instante presente.
Quatro limões verdes pelo ar... Em trajetórias cruzadas...
Não podem cair, pois sua vida está ali,
Alimento, educação... Ou substâncias alteradas...
Não sabe... Apenas não queria ali estar...
Na encruzilhada de uma vida adulterada...
Só quer pais e irmãos, família e lar, como toda criança amada.
Antes de abrir o semáforo... Ergue o olhar, estende as mãos...
A vida equilibra em vão. Além da moeda, nenhum olhar de piedade,
Não queria sentir a maldade, mas, a bondade em algum irmão.
Semáforo verde segue a vida. São minutos de um inteiro dia...

Sob o sol fervente, desidratado... Resfriado sob a chuva fria...
Não querendo ali estar... Sorve das esferas ao final a solidão...
E o gosto amargo da vida... Chega à noite, aonde vai dormir?
Numa casa ou esquina sombria? O sol desponta noutro dia...
Um raio de esperança... Semáforo amarelo "atenção"...
"vermelho"... "Estendam suas mãos"...
"Afaguem meu coração de lágrimas vazias"...
"verde"... Segue a vida de ingratidão...
"Eu, criança, quero amor e perdão"...
"Apenas um pouco de atenção"...

PAI (Junho/2013)

Um rio corre em minha mente
Uma correnteza de lembranças
Da minha vida presente nos verdes olhos de criança...
Lágrimas de uma carência... Nas águas desse passado
Via as margens distantes da existência
Pai! Para vencê-las só me tornando alado...
Quando ainda nem andava sei que te embriagavas
Caído em sarjetas escuras e a família insegura e calada...
Fui crescendo e não encontrava
Mãos a me afagar... Braços fortes não me abraçavam
Nem um olhar sereno teu quando me encontrava a chorar...
Pai! Queria sentar ao teu lado na praça
Soltar pipa e jogar bola no campo
Mas, preferias um copo de cachaça
À nossa companhia... Um desencanto...
Depois a família se rompeu, a velhice anoiteceu
Aos poucos tua distância me esqueceu
Passou a viver na escuridão das enxovias...
Minhas lembranças um rio de pranto
Pensei que podias ficar sóbrio por encanto
Mas, tu preferiste a bebida! Sorvias a "alcoolatria"...
Pai! Está escuro agora... Segura a minha mão
Tentarei te guiar com segurança
Mas, lembres de levar teu coração
Até a razão iluminar a vida de esperança...
Não mais nos separam o rio na vida humana
Sim o mar invisível das existências
Que na misericórdia a vida desumana
Resgata seus erros pelas experiências...

Pai! Assim o sentimento Divino nos irmana
O perdão sobreleva os erros no amor de outras vivências
Pai! No futuro vamos nos abraçar em novas existências...

ADOÇÃO (Outubro/2013)

Nas lágrimas de um recém-nato, a ruptura de um parto,
No choro de uma criança a falta de uma lembrança...
Na rebeldia do adolescente a falta de exemplos de fato...
E, antes do Sol poente depositam suas esperanças...

Enquanto o dia não acaba esperam de olhos marejados,
De colos que religuem os laços de seus corações...
De olhos que garantam um passado que seja lembrado...
De paradigmas nos dias e noites de indecisões...

A noite chega trazendo o manto escuro das solidões,
Após um sono, o sol vai raiando luz de renovada esperança...
Alguns olhos se entreolham e se apaixonam sem desconfiança...
... Adotando outras vidas... Adoçando suas vidas e seus corações.

E um novo parto se dá... Com novos recém-natos,
No sorriso de uma criança... Um futuro de lembranças...
No adolescente de rebeldia... Um futuro de certeza nos atos...
E no ato do novo parto... É do ventre do coração que nascem as esperanças...

PARA TI (Junho/2013)

Quando cheguei aqui... Olhei para ti, me apaixonei...
As linhas em tua costa... Encostas... Sinuosas,
Desenham o amor que aqui encontrei...
As ondas... Como cabelos teus tocam em mim...
Mansas, com o vento vem... E vão...
Para ti... Um sentimento distinto e sem fim...
Nas batidas do meu apaixonado coração.
No teu corpo percorri muitas ruas
Um excitante sentimento em cada curva...
Distraído em tuas angulares esquinas, seminuas,

Escorregava em tua pele lisa e crua...
Andando, cambaleava ébrio com tua beleza...
Em tua face via nas janelas dos teus olhos,
Emolduradas, por linhas e arcos, com delicadeza,
Alma jovem... Corpo maduro... Formosos...
Tua tez branca... Herança do período colonial,
Outrora jovem, podiam cobrir-te de ouro...
Permaneceste pobre... Sem a cobiça mundial,
Para ver-te, hoje, o mundo te paga com tesouros...
No teu mar penetrei pensamentos...
Na bruma que te encobre... Tua face misteriosa...
As ilhas... Barcos transformados aguardam o momento...
Atracarem ao coração do teu porto, milhares de vidas silenciosas.
Navegam-te hoje... E todos se curvam a tua beleza,
Tu és patrimônio da humanidade... Amor altruísta e profundo...
Mas, em meu amor para ti... Paraty... Uma certeza...
Tua permanente beleza... Vem do amor turista do mundo.
Mas, em meu amor para ti... Paraty... Uma certeza...
Tua permanente beleza... Vem do amor turista do mundo.

SOL ROMEU, LUA JULIETA (Junho/2013)

Ele raiando fala: Eu Sol seu Romeu...,
Ela cheia de graça declara: Eu Lua Julieta...,
Um romance que o amor prometeu,
Ser além de uma distante silhueta.

Ele! Da família das grandes estrelas,
Todos giram em torno de sua grandeza,
Ela! Da humilde família dos satélites,
Gira em torno da Terra, mostrando sua beleza.

Ele ilumina nossos dias, vindo do lado Leste,
Busca no poente a Lua, que do outro lado se esconde...,
Ela, dona da noite, na madrugada se despede,
Sorrindo para seu amor, que do outro lado responde...

Na alvorada uma serenata para eles é entoada,
Do firmamento são testemunhas infinitos olhares,
À luz do dia e no escuro da noite, dupla não há mais apaixonada,
Um romance de cinema, não se encontra aos milhares.

Não sei se Eles se escondem, Ela no dia, Ele na noite,
E, em dois breves momentos, num ponto se tangenciam,
Na primeira luz do dia o Sol beija a noite,
No crepúsculo da tarde a Lua pega o brilho do dia.

Mas, num eclipse total eles ficam frente a frente,
Apesar da distância, o Sol, coloca aliança de ouro na Lua,
Selando um casamento, em raros momentos no céu presente,
E eles declarando: Eu Romeu, Sol para sempre; Eu Julieta, eternamente Lua.

COMEÇA COM AS GOTAS D'ÁGUA (Junho/2013)

Das entranhas da terra elas vêm,
Soltando bolhas nas altitudes,
Explodindo, silenciosas e modestas,
Em lâminas afiadas límpidas de solicitudes.

Cortam os primeiros veios,
Estreitos, cristalinos e puros,
Abrem fendas sem receios,
Desviam-se por instantes, seguindo seus rumos.

Passam por pedras de todas as formas,
Deformam pedras com o buril do tempo,
Desaguam em cascatas, quedas e cataratas,
Estão no arco dos arco-íris e até molhando o vento.
De pequenos córregos, abrem rios caudalosos,
Protegidas pela mata ciliar...,
Cortam os desertos num líquido precioso,
Criam oásis... Dessedentam viajantes ao sombrear...

O seu destino final é grandioso,
Desaguando na costa pelo mar... Oceanos formam,
Sejam elas, puras ou impuras, o abraço é caloroso,
De todos os seres que lá moram...

Dos homens dependem, elas, o seu vitalício futuro,
Golfinhos bailam... Baleias acasalam... Corais inspirem...
... Salvaguardem as gotas d'água, em seu caminho puro,
Por onde passem semeiem vidas que respirem...
Suas vidas em haustos... Que tem início e fim, no oceano seguro.

NOSSA TERRA (Julho/2013)

Território de dimensões continentais,
Sinuosas terras lindeiras ao atlântico mar,
No passado, verdes paisagens virginais,
No presente, cinzas fumaças pelo ar...

Belezas intocadas nelas ainda há,
Do interior ao litoral a desaguar,
Mas, do Oiapoque ao Chuí o olhar percorrerá,
Vertendo lágrimas tentando as chamas apagar...

Com a nossa flora em queimadas ardendo,
Nossa rica fauna se empobrecerá,
Secarão as nascentes com os rios sofrendo,
Tornar-se-ão filetes d'água que o mar reclamará...

E o canto do Uirapuru ao norte se fará mais forte,
Pedindo socorro ao sul do Quero-Quero sua ajuda,
No sul, o Brinco-de-Princesa perderá o brilho da sorte,
Ao norte, a Vitória-Régia guardará perfume, na madrugada muda...

E a natureza esperará, no arrependimento do homem, a solução...
Que a nossa terra verde não vire um deserto de lástimas...
Que a chama na razão do homem ardendo de ambição...
Se apague com a fonte do coração jorrando em lágrimas...

MINHOCA (Julho/2013)

Proteína rastejante num fecundo seio
Coze ao verdejante um tecido que aera
Transpira... E a semente na cova espera
Despir-se da terra que fende sem receio...

Respira e se alimenta o verme anelídeo
Que gera nutriente no cerne do convívio
Que leva a semente ao sonho mais terno
Tornar-se vestimenta verde a céu aberto...

E nós homens nesta plantação de prédios
Fazendo lenta a destruição dos remédios
Nutrindo vida de inanição, carbono e dor...

Os vermes e as sementes com ação e critério
Espalham continuamente das mãos do mistério
Na cova contida a nutrição, botão e a flor...

O POETA E A POESIA (Julho/2013)

As palavras se calam em meu coração,
A razão busca suas razões naquele momento,
Nenhuma palavra vive na solidão,
Duma folha branca sem despertar sentimento.

De que valeria mil palavras aprisionadas nos escaninhos,
Sobre as linhas de um papel, escritas por alguns pensamentos,
Seriam como passarinhos acorrentados em seus ninhos,
Devendo à alvorada os cânticos de agradecimentos.

A alegria de quem se põe a escrever,
Sejam poemas..., poesias..., ou somente um verso,
É ver furtiva lágrima em seu irmão descrever,
A emoção de aprisionado sentimento em regresso.

A alvorada na manhã é um poema,
Que todos os dias revoam pelos rincões do mundo,
A poesia do poeta só se completa,
Quando na alma dos homens mergulha profundo.

E quando olhamos nos olhos dos homens,
A alma reflete em suas pupilas que falam,
Das angustias nas dores que os consomem,
Em faixas de sombras que as soledades dilatam.

E a poesia no espelho dos olhos seria consolação,
E o lápis do poeta sobre o papel escrevendo, descreveria...,
Uma espada de luz rasgando as faixas de escuridão,
Trazendo novo brilho à alma do homem, transformaria,
O mundo num paraíso de amor a refletir em cada irmão.

MÃE (Julho/2013)

A flor de maio com beleza única
A mais bela em qualquer estação...
Vida envolve uma delicada túnica
No abençoado útero da concepção...

De ventre alheio ou do ventre seu
Seu coração é um braço acolhedor
A flor materna única de puro amor
Perfuma a cada ser que concebeu...

Sentimento florido ultrapassa fronteiras
Vai enfeitar distantes campos e jardins
No calor do deserto ou frio das geleiras
Dias e noites em chuva de luzes sem fim...

Mãe é assim... Sem limite a sua ternura
Nos filhos lançam as sementes preciosas
Em seus corações... É a feliz semeadura
Sementes de amor vão nascer formosas...

A alma da mãe se transforma em jardim
Onde verá florir mil ou apenas uma flor
Que sempre serão no éden do lar serafins
Com quem repartirá igualmente seu amor...

Mãe é mesmo assim... Nunca vai morrer
Pois é a sina eternizar o amor verdadeiro...
Mãe! De outro plano jamais vai esquecer
Dos seus amores e eternos filhos herdeiros...

TERRA AMEAÇADA (Agosto/2013)

Era uma vez... Em eras longínquas, viajante... Após singular explosão de amor, espalhando luz resplendente... Bilhões de anos depois, do universo em expansão... Espiral galáxia brilhante, com sistemas resplandecentes...

... Num ponto remoto, do centro da galáxia bendita... Surge um sistema solar... No centro um sol majestoso, planetas em seu entorno, cada qual num ritmo a girar...

... O terceiro planeta surge distante... O bastante daquela esfera aquecida, trazendo a água da vida a uma esfera que lhe orbita... A nossa mãe Terra querida, e o tempo declamando sua história fascinante...

... Sobre seu eixo ela gira, desde longínquas eras, vinte quatro horas tem seu dia, finda a translação, o ano se completa. É a Terra no tempo do universo em sua viagem épica.

Após a sua formação como esfera, há cerca de quatro e meio bilhões de anos atrás, quando um globo incandescente ainda era, preparava-se para tempos magistrais. Depois de toda revolução perfeita, o clima aos poucos se transformou e, com a superfície toda refeita, a gênese orgânica, com trabalho desabrochou.

Seres unicelulares como princípio na lida, aos poucos evoluindo para multicelulares, fecundaram sobre toda Terra a vida, espalhando-se por todos os lugares.

Habitantes muito diversos, sobre o planeta passaram, desde seres dos mais modestos, até enormes feras, por mar e terra, perambularam. Após essas eras distantes, por onde gigantes desfilaram no domínio, ouviram-se choros constantes, era o Homem em meio à natureza surgindo. Como um Primata inocente nasceu evoluindo até um Neandertal, logo o Homo Sapiens surgindo, cresceu, com singular inteligência tornou-se capital.

Um longo tempo o Homem levou, para do nomadismo se despojar, sobreviver ao tempo o desafiou, então se decidiu civilizar. Dominando com arte e propriedade, os reinos: mineral, vegetal e animal... Desenvolveu-se com toda liberdade, se impondo como dominador real.

O planeta por milhares de anos pouco se modificou, após surgir o Homem em sua face, e logo num paraíso se tornou, com belezas exuberantes florescendo por toda parte.

Enquanto o Planeta acompanhava, o Homem em inteligência avançar, uma Natureza deslumbrante testemunhava a negligência humana se revelar.

Após séculos em trevas abissais, o Homem deu um salto fundamental, pela revolução dos labores industriais, elevou-se a um ápice intelectual. Assim, a Terra e seus habitantes passaram a contemplar, o Homem singrar terra, ar e mar, com invenções criadas de forma exemplar, poluindo e destruindo, sem um pouco se importar.

Seguindo o mesmo padrão evolutivo, continuou o Homem com progresso sem igual, devastando esplêndidas regiões, de vigores nativos... Fazendo brotar do trigo, ao petróleo afinal.

Pensando a Natureza de belezas suntuosas, com florestas e mares em verdes esmeraldas, desertos e cânions com suas formas sinuosas, grandes geleiras como imensas pedras preciosas, sem esquecer a neve, cintilando como diamantes, nas montanhas alvas ao alvorecer, distantes.

Tendo a abóbada celeste como fundo, todas aquelas belezas são pitorescas paisagens, que riscos sofrem de ficarem no mundo, em telas de anônimos artistas, registradas apenas como belas imagens.

Provocando guerras de vasta destruição, esgotando a terra com ganância e ambição, mostrou-se o Homem, como fera, ao mundo, com poder de dizimar, num átomo, toda criação.

E no intervalo dos derradeiros fatos, o Homem rasgou o céu além da exosfera distante, e de lá pronunciou com olhos fascinados, a Terra é azul! Detendo-se por um instante. E chegando aos tempos de hoje, com toda a evolução humana no globo, cataclismos se avolumam pelo orbe todo, será a Terra ameaçada pedindo socorro?

O Dia da Terra deve ser todo dia, afinal, é o nosso lar, nossa morada e, se a natureza sobre ela se tornou arredia, é mostrando ao Homem, que ele não é nada... (mas, poderá ser tudo, um dia... Quando coração e razão se derem as mãos, trabalhando no planeta pela regeneração...).

E o Criador celeste vai rasgando o véu pouco a pouco, instruindo ao Homem de espírito compungido, se erguer vigoroso ante um passado culposo, para assim trabalhando com coração operoso, despertar no alvorecer de um novo mundo evolvido.

AS CINZAS DA PEDRA BRANCA (Agosto/2013)

Uma silhueta a minha frente, ilumina-se no alto imponente
Na silenciosa e escura noite... Grande maciço em chamas ardentes

Tremulava em movimentos com labaredas em açoites.

Diante de ruidosa sinfonia, desfilando sinistra melodia
As chamas tudo consumiam sobre plateia fria; ao olhar não via
As cinzas em que repousava aquela agonizante noite.

Triste indiferença... Diante daquele quadro sofrido...
Na dor silenciosa de um instante, remoto passado esquecido
Eu via, através da cortina de fumaça sufocante
Beleza num tapete verde ao céu estendido...

Naquela imagem detive-me. No verde e nas vidas ali pulsando
Da larva que o solo revolvia surgia o alimento
À frondosa árvore a estender raízes sustentando...
Galhos robustos de frutos, um abrigo no tormento.

Flora e fauna em apogeu de harmonia, sob as forças da natureza
O equilíbrio. Na tempestade o solo a recebia com alegria
Sob o sol o verde projetava sombra da certeza
De raízes, como braços fortes, àquelas vidas protegiam.

Guardando imprevistas imagens na retina
Via-me no sinistro presente e, furtiva lágrima surge repentina
Tentando apagar as chamas inclementes...
E, sutil oração percebia junto a fumaça fugente...

"Senhor perdoe o ato impensado de tristes sentimentos"
"Pensando saber mais do que nós: a sábia natureza"
"Que surjam das cinzas da pedra branca os novos rebentos"

"De verde esperança cobrindo o maciço em renovada beleza"...
"O tempo sutil e humilde, no homem, remova seus maus sentimentos".

AUTOGOVERNO DO AMOR (Agosto/2013)

Dizem que o comunismo mata o social
O capitalismo fortalece uma democracia
Fazermos o bem ser comum é um mal?
E capital concentrado em um é alegria?

O controle que se faz em comum constrangimento
A liberdade democrática sem um freio é anarquia
Onde está a liberdade da ação de um pensamento?
A igualdade: "governo do povo" sem hipocrisia?

Qual regime certo para o mundo neste momento?
Uns gostariam da "Anarquia" na ação e pensamento?
Direção do sentimento sem governo será dissabor...

Voz cantada de um "Autogoverno" vem ao vento
Brisa à sombra de árvore com fruto de sentimento
Regime que liberta o homem do sofrimento: o amor...

A PAZ (setembro/2013)

Ó paz! Que as guerras proclamam e não vem
Pomba branca, alvo do canhão, fugidia
Que no céu é a luz da manhã todo dia
A noite, lume na treva, e se mostra também...

Ó nações! Que buscam essa paz pelas eras
E a pomba branca em pincéis, a pintá-la
Esperando em paz pelas mãos a soltá-la
Em bilhões de homens, são pincéis de quimeras...

Busca vã defraudada! No tempo perdido
Corações incontidos! Se vão colididos
De nações em lutas... De irmãos a brigar...

Mas a paz vislumbrada no amanhã temido
Não é céu esquecido! É bem requerido
Que do fundo d'alma pomba vai libertar...

VIOLÊNCIA (Setembro/2013)

Um risco de luz percorre um espaço na escuridão
Rompendo as trevas impermanentes daquele cérebro
Que tenta aprisionar uma centelha na razão
Liberando seus sentidos... Libertando do seu féretro.

Nos leitos... Na solidão... Nas baladas... Na multidão...
Substâncias adulteradas... Veladamente sorvidas
Levando ao êxtase todas àquelas vidas
Que não vivem, senão, pelas veredas da sensação...

Na erva que se cultiva no meio das florestas
Atravessando fronteiras... Chegando ao asfalto...
"O cabeça" nas coberturas
Cabeças a prêmio nas mansardas modestas
E a violência na sociedade tomada de assalto...

Às mãos de uma criança... Linhas aladas...
Na pipa sobre a laje... Ou no rádio que dá o sinal...
Batida dos "home"... Naquelas horas caladas...
Rasgadas em lancinantes gritos de mãe, no suplício final.

E o cérebro daquela mente inconsequente...
Vai perdendo a centelha que a razão tentou aprisionar...
Pelo fogo de um projetil que o procurou insistente...
E o desfecho e detalhes da estória não se podem revelar...
Pois, vivos só nas retinas e corações... Dos atores lá presentes...

A CAMINHO (Março/2014)

Cilíndricos pilares de aço, frios e delgados
Elevam uma cobertura amarela e esguia
É ponto público de transporte do dia a dia...
Abrigando corações por demais apressados...

Os passos que ali se apresentam
Amparam-se em busca de condução
Muitas vidas em conflitos representam
A caminho do fim que as sustentarão...

As paredes transparentes daqueles abrigos
Não transparecem o que pensam os passageiros
Mas, na transparência de muitos olhos aflitos
Rogam abraços carinhosos e verdadeiros...

Com a lida da vida, os homens se embaraçam
No tempo implacável que as horas consomem
E nas dores do ontem, suas visões embaçam
Refletindo indiferença à estrutura feita pelo homem...

Pedindo que os tirem dali sem demora
De braços estendidos sinalizam à condução
No abrigo móvel cada um do presente deplora
Na incerteza do amanhã se todos existirão...

E quando vão e voltam ao abrigo de seus lares
O cansaço não permite refletir se a luta é vã
E aos seus leitos se entregam a sonos vulgares
Sonhando qualquer sonho a caminho do amanhã...

NOTAS MUSICAIS (Agosto/2013)

Vespertino silêncio fez-se da luz
Escutou-se uma nota na escuridão
A orquestra da natureza em sintonias que produz
Acordes de harmonias e companhias na solidão...

Um Dó... Um Ré... Um Mi
Um Fá, Sol, Lá, Si... Dó!
Lá fora silenciou o mundo... E eu dormi
Madrugada antes do amanhecer vem só...

O horizonte desperta com um Sol
A alvorada canta Lá dos céus, de norte a sul
A natureza é bela por Si só
Dó, Ré, Mi, Fá... Mistérios tecidos no véu azul...

Segredos nas sublimes notas musicais
O Maestro dos maestros da perfeição
Compondo as sinfonias angelicais...
Harmoniza as primeiras notas da Sua criação
Nos mundos que giram nos infinitos siderais...

SONHOS (Outubro/2013)

Eleva-se em prece ao alto... Após um dia de emoções puras...
Ainda a mente excitada... Não mente o corpo exausto...
Despede-se adrenalina, entra melatonina as escuras.
Cerram-se as pálpebras com olhos abertos...
Espera as trevas de um sono chegar...
Silêncio! Apaguem as luzes dos olhos despertos...
Para o corpo então relaxar...
Suprarrenal antes no comando passa o bastão a pineal...
O que era claro por fora... Agora escuro por dentro...
Temperatura e cheiro... Som e luz... Tudo ideal...
Corpo da mente relaxar... Mente do corpo num sonho adentro...
Corpo extático... Estirado a cama... Daquela mente...
Liberta para sonhar... O tempo não mais encontrar...
Porque nestas horas o tempo, é um sonho a se revelar...
Serotonina precursora do prazer...
Faz melatonina ao sono promover...
A mente se distancia de um corpo que aparenta perecer...
Sonho bom ou mau... Comum ou original...
Revelador ou não revelado... O corpo dá o sinal.
Corpo carnal subjugado... Corpo mental mergulhado...
Nos mistérios do sono "REM"...
É de lá que nascem os sonhos mais intensos e profundos...
"Insights"! Problemas a resolver. Premonições também.
Lembranças em intuições... Ligações entre dois mundos.
Após o voo desta mente, acima das nuvens da matéria...
Aos primeiros raios do Sol...
Vai saindo a Pineal. Aplausos à melanina! À luz matutina...
No palco a suprarrenal essencial, dando o roteiro ao Cortisol.
Assim segue a vida... Corpo ao final do dia...
Aguarda a última luz vespertina...

AMOR E DESAMOR (Novembro/2013)

Dois lábios se abrem em um romance
Dois olhos se fecham em um instante
Dois corpos se despem sem ter chance
Duas mentes se vestem de ser amantes...

Abre-se então uma fenda no longo tempo
Fecha-se com uma venda ao mundo todo
Os corpos se levam sem outro contratempo
Os votos se encerram fundos e silenciosos...

A hesitação se alterna à excitação
Entrelaçar de pernas a armadilha
A incursão da glande entre as virilhas
O enlaçar de grandes lábios em paixão...

Aprisionado aguarda a semente branca
Apaixonada resguarda sementeira viva
Ejaculada carrega ao óvulo a esperança
Copulado desperta o início de nova vida...

Mas, se nessa união de corpos ardentes
Com calor sereno... Não fluir o amor
Será ela a fusão mortal infelizmente
Morbidamente desunião abortiva...
A mais frigida das uniões... Desamor...

BARQUINHO DE PAPEL (Novembro/2013)

O meu barquinho fiz de papel
Pra navegar...
Pra navegar nas águas da vida
Vida pro mar...

E navegando assim ao léu
Bem devagar...
Cristas das ondas, ondas d'amor
Vou navegando...
Sobre o oceano azul do céu,
Sobrevoando...
Vagas lembranças eu vou transpor
E t'encontrando...
Singrando todos os sete mares
Só no comando...
Com meu timão sereno nas mãos
Sempre lembrando...
Luzes-faróis dos teus olhares
Vão me guiando...
Porto seguro que eu procuro
Ondas amenas...
Vou aportando longe do escuro
Manhã serena...
O meu barquinho? Desfaço seguro
Com meus poemas...
Para ofertar-te sempre as tardes
Vem declamar...
Todo amor que sempre me arde
Vara o luar...
Pra madrugada me ver amar-te
E recomeçar...

DIGO (Outubro/2013)

Digo-te agora tudo!
Nada!
Escuto-te agora nada!
Tudo!
Enquanto o dia me fala!
Nada!

Enquanto a noite cala!
Tudo!
Enquanto o tempo separa!
Nada!
Enquanto o eterno une!
Tudo!
Enquanto, horas, minutos e segundos!
Devorando tudo!
O universo se expande fecundo!
Sem temer o nada!

FATALIDADE (Outubro/2013)

Festejando as famílias de futuros fulgentes
Formadas, fermentam-se em várias fôrmas fecundantes
Formosas de finalidades florescentes
Não obstante, frias de frivolidades frustrantes.

É a Terra que as abriga
Em suas várias formas fustigantes...
Francas, festivas e famosas
Conquanto, factícias, famintas e fogosas.

Fatídico futuro fulminante
Imaginamos em nosso pessimismo reinante
Firmemente a fé felizmente
Permite-nos pensamento exultante.

Feridas de morte, essas muitas "famílias-fênix"
Renascerão fortes às suas reais finalidades
Frementes frente às fieiras da sorte
Fixar-se-ão firmes, fomentando a fertilidade.

Finda a fustigante faina fervescente
O Firmamento firmará fúlgido e fascinante...

E firmando a fecunda finalidade
Festejando a final fatalidade
Cruzarão todas, as fronteiras da futura felicidade.

SINTO (Outubro/2013)

Sinto-me tão vivo no agora
Vejo outrora um ser perdido
Hoje eu sei! Sou filho das horas
Do meu presente, vivo... Vivido...

Morto! Estou no tempo passado
Presentemente vou renascendo
Dos meus insanos ou não, desatados
gestos... Ao meu futuro aceno...

Vou como brisa ou tempestade
Vou todo breu ou luz resplendente
Não vou binário... Vou como gente...

Mas no presente vejo a maldade
De muita gente que tão sorridente
Quer no futuro um indigente...

CONVÍVIO (Novembro/2013)

Ao pisar às terras da poesia
Vou bebendo mil palavras amigas,
e esperanças...
Penetro um mundo de fantasias
Dispenso as minhas sendas antigas,
pelas lembranças...
Caminho com voraz confiança
Em um mundo que me afiança,

novos amigos...
Poetas antigos na carne mortos
Mas vivos em textos remotos,
falam comigo...
Nesse convívio alimento minha vida
Nessas palavras desenterradas e vivas,
me felicito...
E assim caminho feliz entre dois mundos
Um que é dor, que o outro desfaz em amor,
em um segundo...
Que glorifico!

UM SONETO (Março/2014)

Um soneto nada mais é que um sonho
E um sonho nada mais é que um desejo...
Um desejo nada de mais... Eu proponho
Eu proponho para você um soneto...

Um soneto que tenha um simples começo
Um começo de uma história de amor
Um amor entre dois corações... Agradeço!
Agradeço pelo meu eu sonhador!

Então digo a você que o amor sustenta
Que sustenta a vida... Matando a morte
Toda morte, uma aurora rubro-magenta...

Vem ardente essa luz brilhando tão forte
De tão forte que a solidão afugenta
Afugenta o sono... Meu sonho acorde...!

UMA JORNADA INVISÍVEL (Março/2014)

Vêm sem parar, insistentes e fugidias. Nascem lentamente como o sol em profusão de luzes. Ofusca a visão, o coração e a mente confundem.

Da madrugada escura elas surgem, como nuvens, por detrás dos montes e colinas. E elas indecisas, se vem com as brisas ou se ficam a encobrir o cume dos montes.

Aprisionadas elas estão, em uma caixa pequena. Cheia de massa cinzenta, que não se molda com as mãos. Vivem querendo asas, e livres para voar, libertarem-se para o espaço e poderem assim planar.

Seu nascimento é misterioso, assim como o do primeiro Homem, sobre a face da terra. E se pensarmos que elas nascem etéreas, desmaterializadas como um sopro, são comparadas ao espírito, cujo nascimento se perde na eternidade do tempo e das eras...

Em dado momento, elas deslizam pra lá e pra cá, sem asas para voar, sem pernas para andar. Não sei se deslizam emocionadas pelo coração ou racionalizadas pela razão. Mas, procuram um sentimento no raciocínio da emoção encontrar.

Então, elas descem ligeiras às mãos, até a ponta dos dedos, depois à ponta de um lápis ou transformam-se em "bits" e "Bytes".

Quando chegam ao seu destino são aprisionadas novamente em uma folha de papel ou no espaço branco de uma folha virtual, friamente.

As vejo ali tão caladas sem encontrar uma saída, ficam esperando um olhar que as possam interpretar. Depois sorrir ou chorar. E elas se libertarem comovidas.

Nessa viagem destemida elas esquecem que são belas, quando vem com emoção nas asas da imaginação, e sempre que são sinceras.

São verdadeiras peregrinas do tempo... Presente, passado ou futuro. Viajam pelo espaço numa viagem sem fim, pois o limite é o imaginário que é infinito e arbitrário, ilimitado o seus recursos, que não se nega a ser algum...

Essa é a jornada das palavras, das minhas palavras, das palavras de qualquer um. Palavras sofridas, sentidas ou não sentidas... Lembradas ou esquecidas... Alegres abrem sorrisos... Tristes vertem lágrimas... Raciocinadas são frias... Elaboradas são sinceras... Inspiradas chegam emocionadas... Impensadas magoam e ferem... Apaixonadas inflamam-se e dilaceram... Existem também as prolixas, precipitadas, caladas e precisas. As primeiras imprestáveis, as segundas insensíveis, as terceiras morrem improváveis e as últimas se mostram sensíveis.

Elas podem chegar eivadas de todos os sentimentos, mas, se filtradas pela razão, aquecidas pela emoção e enriquecida pela inspiração, serão o líquido refrescante que dessedentam os viajantes... Todos aqueles corações que as leem e as experimentam.

Podem começar com uns versos, depois rimadas ou não, viram poemas ou poesias, que podem ser recitadas ou declamadas com emoção. Quando resolvem contá-las transformam-se em contos diversos, reunidas em uma história de original criação. Mas, existem as favoritas quando ritmadas são, numa roda bem formada, pegam os versos poéticos, que viram temas musicados, para os mais diversos gostos ecléticos... Assim, as palavras viajantes, com o som que às letras inundam. Numa linha de rimas e ritmos os poetas as ajeitam. Depois os músicos tocam quando as linhas se juntam...

Palavras... Palavras, que as inclemências dos ventos não levam, pelas eras afora ficaram registradas no tempo... Nos templos. E, nos mínimos sentimentos que às sobrelevam, elas se tornam caridosas e ficarão eternamente como exemplos.

TRISTEZA E ALEGRIA (Março/2014)

Escrevo alegria à luz da tristeza
Versejo ao sangrar o meu coração
Sem dor a poesia é letra indefesa
E a pena, a crueza, em pesada mão...

Assim todo verso nasceu tristonho
Enlace da lágrima com um amor
Depois se alegra num aceso sonho
Primor de um poeta a se decompor...

Compor, decompor... Recompor seu mundo
Tirar de um pranto a gota de encanto...
Tornar desalento num campo fecundo...

Então da tristeza eu ouço acalanto
Assim eu escrevo e não me confundo:
Versar é sorriso e um pouco de pranto...!

FLORESTA DISTANTE E SEUS PIRILAMPOS

(Março/2014)

Esboroou-se ao chão
Girassol do pendão... Firmamento...
Nas penúrias da luz
Recobrindo de negro seu estamento...

Véu em seu entardecer
Ao romper-se... Com o breu de outra noite
Pirilampos a nascer
Vi parir de um ventre... Senoite...

Pervagando o olhar
São trilhões de vaga-lumes
Juntos sem se tocar
Perfeição! No que se resume...

E com eles na mata escura
A coruja de branca face
Lenta ela se vai, procura
Com a madrugada... Enroscar-se...

Bem depois o que há: silêncio
Pirilampos se vão dormir
E a coruja ao sair... Vestígio
Seu vestígio distante eu vi...

E depois que amanhece, na mata
Girassol desperta o instante
E o escuro fenece, desata
Lá do céu... A floresta distante...

SINAL DE OCUPADO (Março/2014)

A tarde cai...
O Homem se cansa
Um dia subtrai
Do mundo a esperança...
A criança se balança
Num parque da cidade
Balanço que não descansa
E vai e vem sem lembrança
Da mãe e do seu pai...
De um último abraço
Juntando os corações
Afagos, de mãos, escassos...
Enfim a tarde sai...
E entra a noite branca
Envolta em manto negro
Criança levando segredo
A porta sua destranca
Do quarto de dormir
Vazio dentro de si...
Os pais estão ocupados
Abraços e beijos frios
Diálogos tão calados
Em dois telefones sem fio
A espera de ligação...
E o coração da criança
Que faz sua ligação
Escuta sinal de ocupado...!
E dorme sem a lembrança...

PRA NÃO FICAR SOLTEIROS (Abril/2014)

Casado para não ficar livre solteiro
Casada para não ficar triste solteira
Cansados de levar vidas sem um roteiro
Os dois enfim se unem pela vida inteira...

Até que a morte os separe: até quando?
Fiéis pra sempre na saúde e na doença
Mas, com a crença que pecado se pensando
Não há sentença... Nem se julga o que se pensa...

Então depois do beijo, a chuva de arroz
Feliz, a lua de mel, espera os dois
Desejam todos: vida doce e fértil...

Lembrar então, passado o tempo estéril
Em que os dois dividem a vida flébil
Cadê o buquê de amor que há muito se foi...?

(PAI)DASTRO (Dezembro/2013)

Mais um passageiro partiu, na carruagem do silêncio. Silêncio que deixa saudade, tão eloquente num grito lacrado... E nos que silentes ficaram, acenando um marejado adeus. Um veículo que não chega atrasado, nem estaciona e espera desavisado. Tem seu horário marcado. Quando chega traz a tristeza, leva as lágrimas vazias e deixa as cheias de solidão.

Quando a morte nos visita, é sempre reflexão. Em pessoa da família, amigo ou num próximo irmão... Todos nós passaremos um dia por essa despedida, é repetida lição. Estando de pé, em vertical ilusória... Ou deitados, horizontalmente calados, tendo então paralisados a mente e o coração...

Eu sei que se foi pessoa querida. Pois, deixou lágrimas nos presentes olhares tão tristonhos, feitos e desfeitos em sonhos... Em corações escondidos dentro do peito oprimido por uma saudade. Saudade recente que será crescente pelas muitas lembranças. Mas, que levem a esperança de que chegará o dia do féretro da infelicidade, num amoroso reencontro...

A infelicidade que se sente no fundo é incerteza, de como fica a gente sem o corpo de carne indefesa. Mas, a carne é putrescível e o que somos na verdade é invisível, aos olhos que nada vê além de tudo que é tangível... Não sabemos que o ar existe, pela brisa que o revela? Que o sol a noite aquece o outro lado da terra? Não precisamos ver e sim apenas imaginar. E a lua com sua luz fraca, que vai pela madrugada, velando o nosso sono, que nada mais é que um ensaio para o nosso mais longo silêncio!

Em todo sono existem sonhos. Sonhos quase irreais. Mas, para o sono mortal não existem sonhos, ou melhor, os sonhos são reais. É a verdadeira vida que vamos encontrar... A realidade explícita... A luz no breu que se acende para nunca mais apagar...

Então o nosso irmão, foi para essa realidade e nós aqui ficamos na ilusão. Ilusão tão real. Que nos faz quase sempre esquecer, até mesmo a saudade.

A vida levou pela porta da morte meu padrasto, um homem honrado. Que a grafia eu posso corrigir sem medo de estar errado. Escreverei "(pai)drasto", por que um pai, dia a dia ele foi, amparou a todos nós e, entregou a minha mãe seu generoso coração, nunca deixando faltar, carinho, afeto, respeito, amor... E nem à mesa o pão...

Vai, Valdemar, siga a sua senda nova. Acenda a lanterna da certeza, pelos novos caminhos de beleza. Na verdadeira vida você nos precedeu e nós aqui guardamos no peito um sentimento profundo. E ainda que o véu invisível nos separe os mundos, o pensamento é o veículo que nos leva as terras da verdade, até que todos se encontrem na única estrada: a eterna! Da eterna felicidade...

LUA AMIGA (Abril/2014)

Essa lua de prata

Às vezes rajada

Outras, dourada

Cheia ou rasgada...

Eu a vi outra noite

Envergonhada

Vermelha estava...

TERRA (Abril/2014)

Essa Terra que gira, até parece "peleja"
Bola de futebol, ela esteja onde esteja
Pelas ruas eu vou e vejo tantos meninos
Com seus sonhos se vão, jogando enfim seus destinos
Elevando a "peleja", faz mira no gol e chuta
Ela vai pelo ar em rotação na disputa
No final ela quica, ela quica e erra
É assim bem igual que acontece com a Terra
Vai girando no cosmo ao comando perfeito
Nós, os seus jogadores, a chutar com defeito...

Mas, um dia em um toque magistral de bandeja...
Goool! Ao fim da peleja, vem torcida e festeja...

AO DIA DA TERRA (22/04/2014)

Da lua... Vestiram-te de azul
Daqui, nas cinzas te entrevejo...
É magma teu interior
Queimado no fogo benfazejo...

Eu vejo tua verde esperança
No mar, na floresta, na criança
O teu olhar no homem que lanças
E não te cansas de lhe esperar...

Mas, vai o homem por um caminho
Caminha numa larga demora
Unido à ambição, sozinho
Em cada aurora desarvora...!

Expele em teus vulcões os gritos!
Pranteias chuvas em tempestades...
Mas, faz também as belas tardes
Às noites sofridas dos aflitos...!

À noite a lua abre um sorriso
Crescente luar à madrugada...
Vem no sereno um raio preciso
Aurora na lágrima levada...

Tu és tão grande e tão pequena
Ao Homem imenso coração
Botão de flor azulada apenas
Na leira brilhante da amplidão...

Mas, foste criada como um lar
Ao filho, ao pai e ao avô...
Ó Terra! Teus filhos vão te amar
Assim que matarem o "oposto amor"...

AMOR SEM IGUAL (Maio/2014)

Amor percorre os vales deste mundo,
Também os Alpes frios, sem espera
Acompanhando a rotação da terra
Ou contra as ondas de um mar profundo...

Solvendo as dores acres num segundo
É sem temor que vence qualquer guerra
ou mesmo a tempestade mais severa
Deixando tudo após sempre fecundo...

Com suas mãos calosas de veludo
O seu olhar zeloso que diz tudo
Levando amor aos bons e aos homens-cães...

Não pode ser, senão, e sobretudo
Aquele amor que sofre sempre mudo
E tem um nome, e este nome é "mãe"...

ÚLTIMO SONETO (Junho/2014)

Jamais eu fiz, se fiz... Belo soneto
Nem escrevi poesia com rigor
Então, escrevo tudo, a decompor
Eu sei meu Deus! Assim me submeto...

O bom soneto leva em seus quartetos
À luz do tema, todo seu sabor
Os que eu escrevo, nem possuem cor
E penso assim: Será que têm conserto?

Aí adentro pelos meus tercetos
Já esquecido... Eu, que vim propor?
Algum amor, talvez, que exista em mim...?

Não creio! Tudo fiz obsoleto...?
Parece o meu viver só desamor...
Mas, os tercetos, chegam ao meu fim.

ANDO TRISTEMENTE (Junho/2014)

Sim, vou ao caminho tristemente
Com o sol, com a chuva
E uma sentença
Não colho moedas na fazenda
Nem uvas na caixa de asfalto...

Não sei caminhar com pés incautos
Talvez numa grama eu aprenda
Após outra chuva
Eu me convença
E o deserto em mim se reinvente...

Mas, sim! É... Eu vivo antigamente
N'estrada sem curva
Em reta imensa...
Em busca d'um amor, de uma lenda
Espero sem flores, não m'exalto...

De lágrima eu faço minha estrada
O meu guarda-chuva com a descrença
Que um temporal assim não vença
Senão, restará somente nada...

Assim eu prossigo e busco abrigo
Lá dentro do peito d'um amigo
Secando meu pranto de saudade
D'um grande amor que me invade
Antigo amor... Nunca esquecido...

ANTES QUE O OUTONO (Setembro/2014)

Antes de a folha última no outono
Tocar tristonha ao solo para sempre
Num sempre, enquanto, mimetize o ventre
a terra... E o inverno embale o meu sono...

Antes que o frio chegue ao abandono
E nada mais enfim ficando, o lembre...
Nem se, a porta abrindo, e o frio entre
E te arrepies sob o teu quimono...

Antes que a primavera surja a leste
E não mais sinta o teu perfume antigo
Com o verão chegando com perigo...

Trazendo em março as águas de um castigo...
Me diga amor... Porque aqui vieste?
Antes que outono morra lá no oeste...

MEU VAZIO (Setembro/2014)

Às vezes vejo um vazio, cheio em mim
Tão cheio de espaços, como se opaco
Causando-me embaraço, deixando-me fraco
Sem ver a gota de uma luz, num breu sem fim...

É um solitário e vasto, solo tão ruim
Que a sementeira cai, rasgando como caco
De vidro que me corta o peito e faz buraco
Sangrando com um sangue lânguido marfim...

Enquanto escorre o sangue em mim sem uma cor
Eu vejo a solidão, e nela se compor
O meu perfil, em um desenho abstrato...

E sinto então, que o meu vazio é um fato
O meu relato, que descreve um substrato
De onde nascem a poesia e o meu amor...

NATUREZA IRMÃ (Outubro/2013)

Meus irmãos, ó seres humanos!
Mesmo com vossos desenganos
Falarei com o ar que me resta
Coração das minhas florestas
Aos futuros próximos anos...

Vou falar do que precisar
Da terra, do mar e do ar
E de tudo que sou formada
E também do que deformada
Pelas mãos que devem amar...
Mas que ainda destruidoras
Das sementes e minhas folhas...
Minhas lâminas em nascentes
Formam rios que tão descrentes
Quase mortos vão sem escolhas...

Mas o quê! Não desanimeis
Eis aqui! Fim de vossos crimes!
Estarei aqui para sempre
E farei que vós de mim lembreis
No amor que tudo redime...

E que vades assim... Ternamente
Ao plantar a minha semente
No descrente solo de então
Que levava no coração
Toda culpa de delinquente...

E no fim será um só lar
Para todos enfim respirar
O meu puro oxigênio...
E ao vosso último silêncio
Consciência se libertar...

MAMÃE, FLOR DA ETERNIDADE (Julho/2013)

Eu nasci de um ventre alheio
Mamãe, você acolheu-me feliz em seu seio...

Eu não me nutri de leite materno
Mamãe, seu colo o alimento mais doce e terno...

Eu não recebi um beijo ao nascer
Mamãe, hoje seu beijo me faz da dor esquecer...
Eu tive medo a me ver germinar
Mamãe, você foi perfumoso jardim ao meu despertar...

Eu era da noite a luz sem me revelar
Mamãe, você foi minha lua num berço estelar...

Eu não tive na gestação desvelo total
Mamãe, seu coração foi zeloso carinho imortal...

Eu nem tive do ventre alheio o adeus
Mamãe, você foi o abraço amoroso de Deus...

Eu hoje seria espinhosa dor da infelicidade...
Mamãe! Hoje seu amor é flor minha da eternidade...
(Às mães da maternidade do coração)

SOBRE TUDO E SOBRE NADA (Julho/2013)

Quando nada estou fazendo tudo está por fazer
Pensar de mais é perder tempo
Precipitar no tempo, é pensar de menos o que fazer.
Tudo na vida tem preço, o preço de tudo não dá a vida
Por isso pague somente o que precisa
Siga na vida vivendo com apreço.
O mundo dá voltas no tempo, o tempo não volta no mundo
Por isso não percas tempo
Doe teu tempo neste mundo.
Perca um segundo na vida, não perca a vida num segundo
Um segundo na vida não é perdida
Se a vida num segundo é refletida.
O nada no tudo é reflexão, o tudo no nada só fenece,
Portanto, quando cresceres no cifrão
Não te esqueças de que tudo perece.
Rosas na roseira é perfume, roseira sem a rosa nos fere
A vida com caridade a essência nos une
Sem caridade a vida num charco apodrece.
A luz fraca na madrugada no interior de uma casa
Não significa uma incógnita em nossa mente precipitada
Pode ser somente uma luz mágica projetada
Formando um circulo-espaço sobre o papel do poeta
Estando a escrever febrilmente sobre tudo e sobre nada.
E voltando o olhar ao firmamento
Do firmamento ao cosmo em sua imensidão
O acaso nada escreveu nas entrelinhas do tempo...
Foi Deus onipotente, tudo escrevendo no, poema da criação...

FAIXA DE GAZA (Agosto/2014)

Num Facho, sentimentos obscuros
Num feixe, escuras luzes, céu descia
Nos Fixos pensamentos imaturos
É fosca a luz na mente que irradia...
E fuscos são, na faixa, os seus dias...

Na Faixa estreita onde sem perdão
Encaixa horror e, desencaixa o amor...
As baixas devastando tudo então
Nas taxas altas feitas só de dor...

Enfaixam corpos de qualquer idade
Despacham mortos-vivos, recém-natos
Embaixo ficam sem dignidade
Os vãos que pensam, sem mudar seus atos...

Faixa que a gente sempre vê distante
Faixa escrita em sangue pelo mundo
Faixa de terra, morre ofegante
Faixa rasgada, pelos réus segundos...

Goza o terror por sobre o corpo morto
Asa de um anjo cobre hora à hora...
Gozo somente aos servos do conforto
"Gaza", tua faixa, aguarda nova aurora...
E eu enfaixo a indignidade humana em meu silêncio...

ADEUS POEMA... ADEUS... (Agosto/2014)

Adeus poema, é tua hora de partir
Eu arrumei os trajes teus mais delicados
E já deixei os teus sapatos separados
O meu carinho especial é para ti...

Agora eu sei não tem mais jeito de impedir
O teu cabelo já foi todo penteado
E eu separei pro teu caminho alguns trocados
Pra que encontres um repouso logo ali...

Que seja em luz, a tua senda, ao meu adeus
E o teu repouso sejas sempre sublinhado
Num livro aberto, ou no coração do ateu...

Quando puderes para mim mande um recado
Que sempre eu peço proteção pra ti, a Deus
Pois, só por Deus, pudeste ser finalizado...

MULHERES E MULHERES (Maio/2013)

Há mulheres e mulheres e minha vida
No trabalho elas são redentoras
Das almas infantis na educação requerida
Ou nos trabalhos complementares de mãos salvadoras...

Deixando o trabalho vou à família
E as encontro como parentes
Próximos ou distantes, ao vento uma notícia
Nos sentimentos que reconfortam tanto a gente...

Mas, apenas uma estará próxima sempre
Aquela em quem o sentimento ora sorriu ou chorou
Parece até que nunca saí do seu ventre
É a mãe, dia e noite, e seu amor que jamais ninguém igualou...

E o mundo gira em cada novo amanhã
A lua noite, do crepúsculo pega sua luz fugente
Duas mulheres agora me acordam a cada manhã
Esposa e filha acalentam toda noite, meu coração carente...

Sempre me acompanham em plena luz no pensamento...
Ou nas madrugadas escuras nas memórias dos sonhos
Selene e Amanda traduzidas em sentimento:
Lua ilumina a Muito Amada em cada momento...
E um marido e pai de coração sempre risonho...

TEATRO MUNICIPAL (Agosto/2014)

Em um grande espaço clássico, o eclético...
Protegido pelos braços dos coríntios
Elevava-se aos céus belo edifício
Como templo no silêncio aos sons angélicos...

Foi Pereira quem mudou os passos céticos
Caminhando sob um céu como um prodígio
Aportou aos nossos dias, bons auspícios
Sustentando-se em pé, aos tempos bélicos...

Lado a lado em seu salão cadeiras mortas
E um palco a velar por suas vidas
Cada vez que ressuscitam ao sentadas...

... Pelas almas que adentram suas portas
Com ecléticos semblantes, divididas
Entre operas, balés... Ou orquestradas...

AO MAR DA POESIA (Setembro/2014)

Mantenhas-me aqui, semente
A mente, leve, Tu me eleves
Ainda que em momentos breves
Brotai um verso em mim somente...

E assim eu viverei contente
Como um escriba que Te serves
Em fonte mínima conserves
Em águas mansas dessedentes...

Dos córregos de água pura
Abrindo as margens na planura
Ir semeando com alegria...

Depois a noite quando escura
Ternura em prece silencia
Rumor ao mar da poesia...

UM PINGO SEGUE AO OUTRO (Fevereiro/2015)

Um pingo de orvalho segue às milhares de gotas que vêm do céu. Depois que são depositadas em todos os lugares, só algumas refletem da imensidão, no azul, um fogaréu... Parte aquecida sobre a terra retorna à origem, outra parte destemida, desce ao abismo, aliviando a sede dos aflitos grãos, enraizados na dor da escuridão...

Um pingo segue ao outro nas gotas de um chuveiro. Caem. Percorrem os corpos, que suados, sujos de um dia inteiro, nutrem-se em cada pingo d'água, como um bem que não se esgota. Sem pensar na natureza quantos pingos desta água ela comporta...

Caem uns pingos, de suor ou pranto, da fronte de alguém, que logo cedo sai, enquanto a noite vai, cedendo pouco a pouco o céu a um novo dia. Leva sua marmita, que é pré-aquecida, como um Zé ninguém. Salga os pingos d'água com as lutas de tristeza ou alegria, sem que tenham paradeiro... Vai e volta do seu dia sem saber se tudo é verdadeiro.

Cai de gota em gota, um soro garantindo a vida. Do doente esquecido pelas emergências e nas UTI's que a morte entretém. E a morte, com certeza, aguardando sem clemência... Com urgência vai ficando a necessária convivência, entre os homens, para em breve se reestabeleça a saúde do bem.

Cai um pingo de sangue do joelho da criança. Jorra em borbotões do peito assassinado, e a última gota de vida cai sem esperança... Enquanto, "Band-aid", transforma a dor em breve lembrança, vemos que, nem mesmo a mortuária urna, faz que a mente se esqueça, e nunca descansa...

E segue assim em pingos tudo na vida... A própria vida é um pingo no mar da eternidade, e a fonte que gera a vida não se esgota de pingar.

A fonte, no entanto, que nasce à montanha não é fonte que prossegue assim perene. Depende da gente, depende de uma gota de esforço. E quando se vê, ó moço, a luta de um "José", a vida de uma "Maria", que sem rostos, fazem papéis honestos de homem e de mulher... Sinto que a dor é diversa, mas, a todos é comum. Contudo, dar "nó em pingo d'água", não é pra qualquer um...!

O VERBO (Fevereiro/2015)

Dialéticas epiléticas no planalto
Cibernéticas hipotéticas no planeta
Sem herméticas "semi-éticas" sobre saltos
Vi estética, na cinética borboleta...

Da cosmética, a sintética de assalto
E a doméstica na fétida saleta
Na dalmática a heráldica do incauto
Na dialética herética à sarjeta...

Nos prelúdios das gargantas ocas
Saem cúbitos discursos gastos
De vazio sentimento às bocas...

No pretérito de um verbo ecoa
De um Pastor bondoso pelos pastos
Que das bocas tétricas destoa...

FAGULHA DA NOITE (Novembro/2014)

Tudo em mim agora me aquieta
Tem uma voz tão doce a solidão
Som de um silêncio do perdão
Que se estende a noite inquieta...

Só o dia agora se completa
Com o fascínio, toda a escuridão
De onde faz surgir na vastidão
O alabastro esférico ao poeta...

Nas retinas liquidas do mar
Na epiderme verde das florestas...
Terna luz na terra que mergulha

E jamais recusa o seu luar
Às vielas, aos morros e às favelas...
E ao meu coração uma fagulha...

COM SABOR DE CAFEZINHO (Abril/2015)

Erguem-se as cortinas na ribalta da manhã
Entra em cena o ator, que é o astro. Salve o dia!
Um pequeno coro, em reverência... Que alegria!
Faz a alvorada sua orquestra num elã...

Todas as manhãs tem um sabor de poesia
Como suculenta e saborosa... Que maçã!
Ou um aromático chazinho de hortelã
Ó cheirinho bom! O cafezinho... Noticia...

Se ao fim do dia vê-se a tarde melancólica
Vem de uma visão que não conhece o que é bucólica
Pois, no entardecer, também se faz um cafezinho...

E o astro vem dar seu lugar a uma estrela
Mesmo sem luz própria a plateia salda em vê-la
Pó no coador, água fervendo e um cheirinho...

CÂNTARO QUERIA (Outubro/2014)

Sândalo és teu costume
Cântaro queria eu ser
E a essência do perfume
Recolher no amanhecer...

Mas, perdi a hora agora
Inalando o meu querer
Dei por mim, passou a aurora
E acordei no anoitecer...

Ó mulher que me degola
E a cabeça pende em vão
Quando passa, não dá bola...

Mas, um dia a emoção
Dar-se-á na mesma hora
De colher teu coração...

MELHOR OFERECER (Dezembro/2013)

Se ao chamarem teu nome, ficas sorrindo
É bom ser lembrado pelo irmão ao teu lado!
Mas, se és tu quem fala: "meu irmão bem vindo!"
No teu irmão verás um sorriso abençoado...

Se receber do teu irmão um abraço apertado,
É natural que te sintas ternamente acolhido...
Mas, se te adiantas na decisão antes de ser abraçado,
Será mais ditoso o abraço do teu irmão concedido...

Se um olhar amigo, encontra o teu olhar sem brilho e cor,
É de um irmão que te inspires confiança!
Passe a olhar a todos com sentimento de amor,
E, por onde tu olhares... Teus dois brilhos de esperança...

Se de uma voz suave tu ouves como melodia,
É a canção de um irmão que fala ao teu coração...
Em transformando tua palavra em afinada sinfonia,
Tua voz será orquestra caridosa em ação...

Se tu falas angustiado sob o peso da reclamação,
E um irmão de luta, calado, ouve-te com paciência...
O silêncio solicitado é o lume aceso da lição,
Ouvindo teu irmão na dor, revelará a caridade sua ciência...

Com o olhar voltado ao espaço, descobrirá na brisa ao relento...
Assim, no singelo sorriso ou no silêncio do abraço...
Na palavra amiga ou ouvindo lamentações...
Melhor que receber... É oferecer perfume ao vento...
Com aroma de caridade... Se espalhando em velocidade...
A seu tempo doando fraternidade aos corações...

É NATAL TODOS OS DIAS (Dezembro/2013)

Dizem: uma estrela em Belém traçou localização...
Do nascimento de uma criança de Divina concepção...
Mas, o conheciam e o chamavam: "Profeta de Nazaré"...
... Seus pais, humilde casal... Maria e José...

A manjedoura foi o seu berço... Primeira lição de humildade
Sendo príncipe, se fez servo, da humanidade...
Mandato de sentimento... Inteiramente devotado.

Sabe-se pouco até hoje de sua infância e adolescência
Flagrado aos doze anos, ensinava na sinagoga...
Revelando-se sua mente com relevância e excelência...

Somente aos trinta anos começou sua pregação
Não julgava nem condenava... Era todo e só perdão...
Por ninguém encorajava... Sentimento de exclusividade...
...Sua humilde presença arrastava a multidão...
Na Divina inspiração, Seu verbo de liberdade...
No seu olhar o reflexo, da absoluta serenidade...

Trinta anos caminhou em meio à multidão...
Três anos a multidão... Ouvindo seu sermão...
... Nas bem-aventuranças a lição, da prometida felicidade...

... Rabi, Rabone, Mestre... Senhor... Nosso Messias...
Assim foi, é e será a sua vida... Um Natal todos os dias
E, há mais de dois mil anos nos aguarda majestoso
O Cristo, Jesus... Do seu reino amoroso e ditoso.

A MÚSICA DA POESIA (Março/2014)

Cada letra tem o seu som
Que na palavra se completa
Na primeira frase o refrão,
Que só o poeta interpreta.

A segunda linha guarda o fonema,
Na finda sílaba... Na última palavra,
Aí começa a rima do poema,
Pulando uma linha até o final da quadra.

Daí a quadra pode virar uma quinta,
Sexta... Sétima, até nona sinfonia,
São as palavras que a poesia requinta,
E o poeta ao músico desafia.

Os poemas sentem a música,
Num ritmo que as palavras dançam,
Em cada linha as palavras se juntam,
Os músicos juntam as linhas e cantam.

Construindo a poesia no poema
O poeta dá o tom da emoção,
O músico se emociona com o tema
E encontra o perfeito diapasão.

Assim viajam a música e a poesia,
Nas asas da imaginação,
Mas, o sonho de todo poeta,
É sua música da poesia, cantar uma linda canção...

VALENTE (Junho/2013)

Valente, valentia enfrentando a vilania,
É assim todos os dias, a vida do cidadão...
De A até Z, qual é o nome?... Saindo pela via,
Enfrentando ônibus e trem... Metrô e camburão.
O sobe e desce dos morros: em segredo...
Entra e sai pelas vias e ruas,
O movimento começa logo cedo... Andando o cidadão às escuras.
Outrora, as esposas em casa...
Cuidando dos seus rebentos que mimavam,
Hoje, do casal, saem os dois sem argumentos...
Deixando os filhos de olhos sedentos.
Passam o dia em diversas atividades...
Carteira assinada, autonomia ou servil servidor...
Contraventor, ambulante ou habilidoso enganador...
Este último, sem pudor, e com carteira de imunidade.
E os salários, vêm e vão, sem um aumento real...
Só reajuste redutor...
... A inflação está no passado, no tempo do economista...
... Mas, está muito presente, no bolso do trabalhador...
... E os políticos nos "outdoors" com sorrisos otimistas.
E a pirâmide social da (In)justiça, vê a sua base alargando,
A classe rica virando média, a média abaixando fica,
Abaixo do pobre o miserável, que ao pobre vai diplomando...
... E o milionário de cima olha... Sorri... E se justifica.
Retornam todos à noite...
Empresários e políticos deitando nas "king Sizes"...,
Desembargadores e Juízes, relaxando nos "ofurôs"...,
E o pobre trabalhador... Sentindo... Com grande louvor...
O peso do dia a dia... E todos os filhinhos...
Com olhos sedentos de amor.

AMIGA POESIA (Março/2015)

Vou dedicar esse instante de pura estesia
Não, só porque eu não queira perder o instante
Nem, pelo orgulho de achar o momento brilhante
Mas, simplesmente porque, gratidão é meu guia...

Pois, até hoje na vida à minha alegria,
Aos meus momentos mais tristes, aos mais preocupantes
Aos meus reveses de raiva que muda os semblantes
Houve alguém tão fiel como a aurora do dia...

É simplesmente você a que chega calada
Vela as horas do dia e à noite me afaga...
Sólidas mãos carinhosas de um anjo da guarda...

Peço que seja ao mundo e a minha família
Tal como é caridosa curando as chagas
Clamo seus versos de vida, amiga poesia...

SER (Fevereiro/2014)

Semelhantes...
Rostos
Faces
Semblantes
Ao desenlace...

Distantes
Veredas
Variadas!
Errantes
Estradas...

Sozinhos
Em rumos
Desertos...
Caminhos
Incertos!

Amigos!
Juntos
Não ficam
Perdidos!
Deificam...

O nascer
Individual...
Solidário
O viver!
Corolário do ser...

AGRADECIMENTOS (Março/2013)

Sob os auspícios do verão se despedindo...
Teve início meu escrever no ano do fim do mundo...
E, sob um insinuante outono surgindo...
Continuaram meus dedos... Detendo o fim a cada segundo.
Na descoberta em que me surpreendo eu sigo...
Ainda prolixo e desatento...
Abusando de prefixos e sufixos eu prossigo...
... Aos poucos fixando a raiz do sentimento.
Dom nascente do adormecido...
Acorda numa folha branca virtual...
Porém, real e factível... Imprevisível dom destemido...
Navega nas ondas cibernéticas em caractere real.
Num local (site) sensacional, encontro "links" de inspiração...

Nas "Asas da imaginação", de um voo sentimental...
Chego "Nos braços do papai", me aconchegando ao coração...
De um Pai de todos nós... Generoso com suas mãos...
Agasalha cada filho Seu, com manto celestial.
E "Às escâncaras" podemos a Ele declarar... Imortal amor...
No coração dos poetas, sentimento se reveste de gratidão...
Levando em forma de poesias, poemas e contos... Um louvor.
Da primeira palavra grafada, chego aqui ao centésimo poema,
Com grata alegria... Reverencio os atores deste site (local)...
Que se fazem mestres de nós, no aprendizado inicial...
Que entre tantas inspirações, suspiram emoções com um tema.
Olhares no céu anil... Ao vento perfumes de liberdade...
Entre nuvens de algodão... Mil pássaros de emoções...
De bem longe chamando em brisas sem vaidade...
A "Câmara Brasileira" aos quatro cantos leva as sensações...
Os sons "de Jovens Escritores"... De todas e variadas idades...
Todos numa canção... Entrelaçar de sentimentos nos corações...

MEU SONO ESTÁ DORMINDO (16/11/2014)

São mais de zero hora...
Procuro o meu preguiçoso sono
Ele... Deixou-me no abandono!
Já deve estar dormindo agora...

JUSTIÇA... (10/03/2015)

A (In)justiça fria inocula
Seu veneno tétrico do medo
Como fosse o bem um arremedo
Em segredo, o mal não se macula...

Mas, o justo vem do veredicto
Sua imaculada consciência
Que jamais se vende a indigência
Tem na honra a base dos preditos...

A (In)justiça é um "selfie" do delito
Com a invisível toga, a besta fera
Judicia viva e nesta terra...

Mas, além existe um bem que fito
Do estelar conjunto do infinito
E no amor de Deus o justo espera...

UMA NOVA AURORA (30/04/2015)

Nem a estrela mesmo despontara
Pelo horizonte em suas bordas...
Mas, d'um lume líquido... Transbordas
Ó manhã, a tua luz mais rara...

Com alguns trinados vem me acordas
Via-se no céu, o azul aclara
E alvorada se tornava clara
Cítara, nas afinadas cordas...

Vinhas tu aurora da altura
Vinhas! Mas, nem clara nem escura
Tua tez aos olhos, que instigavas...

Teu mistério... Trazes, de um luar
Outra luz... Renovas ao chegar...
E um novo dia a mim... Mostravas...